



Simpósio Temático nº 40: Premissas históricas sobre as relações de exploração e opressão de gênero, raça/etnia e sexualidade no Brasil

## **TRAJETÓRIA DE LUTAS DAS MULHERES NEGRAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL**

Jaíne Araújo Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é compreender e analisar a leitura que é feita acerca da mulher negra na sociedade brasileira, observando a forma hipersexualizada como ela é tratada. E depois desse entendimento, pode-se traçar metas e estratégias para combater o preconceito que é cristalizado pela maneira brutal como as negras são violentadas física, emocional e culturalmente no nosso país. Dito isso, cumpre falar que faremos um breve histórico da condição da negra no Brasil, iniciando o estudo no período escravocrata e culminando na consolidação do feminismo negro brasileiro e na auto-organização de mulheres. Vale salientar que será feito um diagnóstico com o recorte de classe, afinal, as questões de raça e classe não podem ser analisadas de maneira separada. As opressões se unem, se entrelaçam e se potencializam uma na outra. Ou seja, é preciso observar que os fenômenos sociais não acontecem descolados das relações que envolvem o mundo do trabalho, ao contrário, o machismo oprime em conjunto com o racismo e a LGBTfobia, e todos esses processos de opressão se desenrolam no interior de uma sociedade dividida em classes.

**Palavras – chave:** mulher negra; opressões; auto-organização de mulheres.

### **RECORD OF STRUGGLE OF BLACK WOMAN IN BRAZILIAN SOCIETY: A CRITIC PERSPECTIVE OF FEMINIST MOVEMENT IN BRAZIL**

**Abstract:** The aim of this article is understand and analyse the lecture that is made about the black woman in brasilian society, watching the hipersexualized manner she is treated. And after this comprehension, it can trace goals and strategies to fight against the prejudice that is cristalised by the violent way like the black woman are physic, emotionally and culturally violented on Brazil. After that, i am going to do a short historical of the situation of the black woman in Brazil. I am going to start the study in slavery age and culminating in consolidation of afrobrazilian feminism and in auto organization of woman. Worth pointing out that a diagnosis with an emphasis in economic class are going to be made, after all, the issues of race and economic class can not be analyzed separately from each other. Oppressions unite, interwine and potentiate

---

<sup>1</sup> Graduanda em direito pelo Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba, integrante do Núcleo de Extensão Popular Flor de Mandacaru e monitora de Direitos dos Grupos Socialmente Vulneráveis (CCJ-UFPB).



themselves. That is, it should be noted that social phenomenous do not happen apart from the relations that are involved in the labor world, on the contrary, male chauvinist oppresses together with racism and lgbtphoby and all the processes of oppression take place within a society divided into classes.

**Keywords:** black woman; oppressions; auto organization of woman.

## **Introdução**

A escravidão no Brasil teve início no período da produção de açúcar, primeira metade do século XVI. Negras e negros eram trazidos em condições desumanas dentro dos chamados navios negreiros. Muitos morriam durante o transporte. Mercadorias. E quando chegavam na Colônia eram trocados ou vendidos.

Depois desse primeiro momento, elas e eles deveriam ser distribuídos entre os afazeres que envolviam a manutenção dos bens e riquezas de seus donos. Os homens ficavam encarregados do trabalho pesado nas fazendas de café ou nas minas de ouro. As mulheres, por ser turno, dedicavam-se, na maioria das vezes, ao trabalho doméstico.

Cozinhar, passar, lavar e servir faziam parte da rotina dessas mulheres. Eram vistas como objetos. Além de dar conta de todo o trabalho durante o dia, as mulheres negras recebiam muitas visitas à noite, tanto dos senhores de engenho quanto dos filhos deles. Analisando esse momento da história, é possível dizer que a miscigenação brasileira, romantizada por muitos, foi na verdade fruto de estupro. Isto é, a raiz que faz do Brasil um país de várias cores é a violência sofrida por essas mulheres.

Nesse passo, é importante comentar que a abolição da escravatura veio, oficialmente, no dia 13 de maio de 1888 quando a princesa Isabel promulgou a Lei Áurea. Vale salientar, também, que essa lei não assegurou nenhum tipo de assistência para as/os escravas/os alforriadas/os. Este fator fez com que a população negra dessa época fosse absolutamente escanteada e jogada à margem da sociedade.

Todos esses acontecimentos reverberaram de maneira significativa na posição econômica-social que é relegada às mulheres negras na atualidade e na forma hipersexualizada como elas são lidas socialmente. Esse é o foco deste trabalho, analisar



criticamente como este grupo de pessoas é vítima de tantos abusos e preconceitos. E a partir disso, observar o surgimento do feminismo negro no Brasil, bem como as estratégias para o combate ao racismo.

## **Desenvolvimento**

Agora, peço licença para situar o nosso diálogo no final do século XIX e começo do século XX. Chegamos na chamada primeira onda do feminismo. As pautas das feministas eram as questões do voto e da vida pública. Cumpre dizer, também, que estamos numa época em que o mundo vive um processo de industrialização fervoroso, o sistema capitalista está em expansão e as fábricas precisam de mão de obra. Ricardo Antunes diz que é nesse contexto que as mulheres(brancas) são incorporadas ao mundo do trabalho. (ANTUNES, 2002, p. 46).

A luta por direitos trabalhistas começa a se intensificar, as mulheres brancas exigem condições dignas de trabalho e melhores salários. Em relação ao tema em tela, vale ressaltar o tipo de trabalho que é destinado às mulheres, fruto do sistema capitalista e de exploração do trabalho que vivemos. Ana de Almeida, Ana Lopes, Emylli do Nascimento e Jaíne Araújo Pereira dizem:

No modo de produção capitalista em que vivemos, às mulheres foi reservado o trabalho reprodutivo, ou seja, aquele que não produz bens de valor e, portanto, não produz “mais-valia”. Tal fenômeno social é chamado de divisão sexual do trabalho, pois cabe à mulher realizar este trabalho reprodutivo que, por não ser importante a priori para o mercado de trabalho, é considerado um trabalho inferior.(ALMEIDA; LOPES; NASCIMENTO; PEREIRA, 2013, p. 3)

Foi nesse momento da história que aconteceu aquela famosa greve das trabalhadoras de uma indústria têxtil de Nova Iorque, as mulheres foram fortemente reprimidas pela polícia e muitas morreram. O dia 8 de março é considerado uma data de luta por causa delas e pelos motivos de suas reivindicações. Mas o que as mulheres negras brasileiras estavam fazendo no final do século XIX enquanto as mulheres brancas estavam lutando por melhores condições salariais nos EUA e Europa? Se você respondeu que elas ainda eram escravas no Brasil, a resposta está correta. Afinal, como



**COM A DIFERENÇA TECER A RESISTÊNCIA**  
**3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero**  
**10 a 13 de outubro de 2017**  
**Campina Grande, Paraíba**

foi mencionado anteriormente, a “abolição da escravatura” só veio em 1888. As mulheres negras continuavam a ser exploradas e violentadas das formas mais terríveis.

A segunda onda feminista, por sua vez, aconteceu por volta dos anos 70. O foco dela foi a valorização do trabalho da mulher e a luta pelo direito ao próprio corpo. É importante falar que foram pautas que só começaram a ter visibilidade quando as mulheres brancas sentiram necessidade de que elas fossem reivindicadas. As negras sempre trabalharam, seja no período da escravidão (não recebiam nada por isso, elas eram propriedade de seus donos), seja ocupando os postos de trabalho mais “desprestigiados” da sociedade. A respeito disso Ana de Almeida, Ana Lopes, Emylli do Nascimento e Jaíne A. Pereira falam:

O trabalho doméstico, então, está inserido nesse âmbito de precarização e, associado a discriminação histórica que sofre, é uma das categorias mais invisibilizadas no mundo do trabalho. Sabe-se que esta discriminação é fruto de uma construção histórica, visto que o trabalho doméstico tem sua origem na escravatura, em que as mulheres negras no período pós-abolição continuaram desempenhando este tipo de trabalho nas denominadas “Casas Grandes”. (ALMEIDA; LOPES; NASCIMENTO ; PEREIRA, 2013 , p. 3)

Ademais, no que diz respeito à questão da liberdade sexual, “meu corpo, minhas regras”, é salutar dizer que as mulheres negras sempre tiveram os seus corpos vilipendiados. Hooks (1995), expondo o contexto dos Estados Unidos acentua a necessidade de analisar como os corpos das mulheres negras são representados no período escravocrata e pós-escravidão. Segundo ela:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS, 1995, p. 469).

A terceira onda feminista começou nos anos 90, iniciou-se os debates sobre a interseccionalidade de opressões. Além disso, as pautas giravam em torno de discussões a respeito da desconstrução das teorias feministas e da crítica às representações binárias. Foi justamente no final dos anos 80 e começo dos anos 90 que as mulheres negras



brasileiras criaram um espaço próprio. Elas não se sentiam acolhidas pelo feminista e menos ainda pelo movimento negro que era composto, predominantemente, por homens. Ribeiro (1995), ao observar o surgimento do movimento de mulheres negras no Brasil pontuou a importância de se entender a especificidade e as diferenças entre as mulheres negras e brancas no interior do movimento feminista mais amplo. Ela diz que o grande problema foi não ter dado visibilidade e atenção para as pautas de negritude.

Nesse novo capítulo do feminismo brasileiro, surgiu uma palavra que continua no cotidiano das feministas do século XXI: auto-organização. Trata-se de um espaço em que mulheres dizem para outras mulheres as suas angústias, é um lugar de fermentação da luta. Elas, além de conversar sobre inquietações e preconceitos, pensam estratégias para o movimento acabar com as barreiras que são impostas às mulheres. Falar de auto-organização é falar de reconhecimento. Reconhecer-se na outra, na dor da outra, nas preocupações e sofrimentos da companheira. Sobre esse assunto Fraser diz que: “A dominação cultural suplanta a exploração como a injustiça fundamental. E o reconhecimento cultural toma o lugar da redistribuição socioeconômica como remédio para a injustiça e objetivo da luta política.”(FRASER , 2006, p. 1).

Nesse passo, cumpre dizer que as mulheres negras iniciaram esse movimento para debater, especificamente, as opressões que vivem. Observando que o machismo oprime em conjunto com o racismo e a LGBTfobia, e todas essas nuances se desenrolam numa sociedade de classes(PEREIRA, 2016).O intuito de tal movimentação é quebrar os preconceitos que as mulheres negras sofrem. No campo da afetividade, a luta das mulheres negras vai no sentido de ir contra a hipersexualização, visto que são enxergadas como um “alvo fácil” ou uma “transa certa”, em contrapartida, poucas conseguem um relacionamento estável. São lidas como objetos que podem ser descartados depois de usados (PACHECO, 2013).

Já no que diz respeito à estética, as negras lutam cotidianamente por liberdade e respeito. É uma fuga constante do embaquecimento. Todos os dias novos produtos que alisam o cabelo ou deixam as axilas mais brancas são colocados à venda nas prateleiras



**COM A DIFERENÇA TECER A RESISTÊNCIA**  
**3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero**  
**10 a 13 de outubro de 2017**  
**Campina Grande, Paraíba**

das farmácias e supermercados brasileiros. O bom, belo e aceitável é o padrão europeu de madeixas lisas e pele clara. Tudo que foge à regra é feio ou sujo. As propagandas que são veiculadas nos meios de comunicação do Brasil reforçam esse estereótipo. As crianças negras são levadas, desde cedo, a não gostarem do seu cabelo, a acharem que tem algo de errado com o seu nariz ou com a sua boca. É um processo de violência simbólica pesado.

O movimento de mulheres negras luta para combater essa padronização. A palavra da vez é empoderamento. Batendo de frente com o que a sociedade diz que é bonito e deve ser seguido, elas assumem e reforçam a sua negritude, beleza e ancestralidade. Campanhas de reconhecimento começaram a ser puxadas em todo o país, a exemplo da Bamidelê (organização de mulheres negras da Paraíba), que iniciou uma campanha desde 2012 intitulada: “Moren@ não, eu sou negr@” com o intuito de fortalecer as identidades das mulheres negras.

No mundo do trabalho, a luta é voltada para tentar assegurar e ampliar oportunidades. É notório que em pleno século XXI pouquíssimos postos de trabalho que ofertam os melhores salários sejam ocupados por pessoas negras. Por outro lado, a maioria das empregadas domésticas brasileiras são negras. Isso nos revela um diagnóstico de um Brasil marcado por exclusão e desigualdade. Nancy Fraser(2001) comenta que um dos combustíveis que geram mudanças efetivas é a redistribuição, é por meio dela que poderemos vislumbrar um mundo diferente.

Outra questão latente que se encontra viva nas pautas das mulheres negras é a violência. Dados da Central de Atendimento à Mulher(Ligue 180) relativos ao ano de 2013 apontam que 59,4% dos registros de violência doméstica no serviço referem-se às negras. A ONU mostra crescimento de 54% nos homicídios em 10 anos entre as mulheres negras, enquanto mortes de brancas caíram 10% entre 2003 e 2013. São informações alarmantes. O Mapa da Violência 2015 do Brasil, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais confirmou que o número de mulheres negras mortas cresceu 54% em 10 anos (de 2003 a 2013), enquanto que o número de mulheres brancas assassinadas caiu 10% no mesmo período. Totalizando, 55,3% dos



crimes contra mulheres foram cometidos no ambiente doméstico, e em 33,2% dos casos os homicidas eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas.

Nesse passo, a auto-organização pode ser vista como um mecanismo que faz a luta ficar mais forte. As mulheres negras utilizam esse espaço para compartilhar as violências que sofrem. E a partir disso, pensar em estratégias para quebrar o preconceito que é cristalizado socialmente e materializado através de gestos, olhares, palavras, agressões, falta de oportunidades e desrespeito. Vale ressaltar que trata-se de uma construção histórica e todos esses processos de exclusão e demonização da negritude carregam fortes ligações com o período da escravidão ocorrido no Brasil.

Ademais, uma das maiores provas de que o movimento de mulheres negras está crescendo e se fortificando foi a realização histórica da Marcha das Mulheres Negras 2015, mais de 15 mil mulheres ocuparam as ruas de Brasília no dia 18 de novembro. O tema da mobilização era: “Contra o racismo e a violência e pelo bem viver”. Mulheres de todos os lugares do país, de todas as idades se reuniram e marcharam do ginásio de esportes Nilson Nelson até o Planalto Central da capital brasileira. Durante o percurso, as delegações de cada estado se encarregaram de fazer falar nos trios, apresentações pelo trajeto e também ergueram as suas bandeiras de luta. Sobre esse acontecimento, Valdecir Nascimento – Coordenadora executiva do Instituto da Mulher Negra da Bahia (Odara) e Coordenadora do núcleo impulsor da Marcha, disse: “Nos últimos anos, tivemos um grande processo de reformulação, de mudanças, de ampliação de direitos, de acesso a políticas e a bens e serviços. No entanto, quando a gente faz um recorte racial e de gênero, identificamos que as mulheres negras, um quarto da população, estão em condição de vulnerabilidade, de fragilidade, sem garantias”.

### **Considerações finais**

Por fim, pode-se dizer que a vida das mulheres negras no Brasil é marcada por violências em vários âmbitos. A história brasileira nos mostra um percurso dolorido. Elas foram escravizadas e abusadas física e emocionalmente durante séculos. É



importante mencionar, também, que a abolição da escravatura no nosso país não forneceu nenhum tipo de assistência para as(os) negras(os) que foram libertadas(os) em 1888 e elas/eles foram jogadas/os à margem da sociedade, isto influenciou de maneira significativa no fato de que, atualmente, os postos de trabalho que asseguram os melhores salários não são ocupados por pessoas negras. Ao contrário, fazendo um diagnóstico do mundo do trabalho no Brasil, percebe-se que a maior parte das trabalhadoras domésticas brasileiras são negras, é um legado histórico-cultural de escanteamento da população negra.

No que diz respeito ao surgimento e consolidação do movimento feminista(mais amplo), cumpre dizer que as mulheres negras não se sentiam devidamente contempladas pelas pautas reivindicadas pelas outras feministas. Nesse passo, as negras construíram, no final dos anos 80 e início dos anos 90, um movimento próprio. Visto que as demandas de negritude eram invisibilizadas, essa se tornou uma solução viável.

Nesse contexto, os espaços auto-organizados se tornaram um lugar de fermentação da luta. As negras utilizam-se dele para refletir sobre o conjunto de opressões que vivem, afinal, o machismo oprime juntamente com o racismo e a LGBTfobia, e todos esses processos se desenrolam no interior de uma sociedade dividida em classes.

A marcha das mulheres negras 2015 que aconteceu em Brasília no dia 18 de novembro foi um forte indicativo do crescimento desse movimento no país. Mais de 15 mil mulheres marcharam pelas ruas da capital do Brasil “Contra o racismo, a violência e pelo bem viver”.

## Referências

ALMEIDA, Ana Karenina Ribeiro de.; LOPES, Ana Carolina Oliveira.; NASCIMENTO, Emylli. Tavares.; PEREIRA, Jaíne Araújo. . **Assessoria jurídica universitária popular: atuação do NEP- flor de mandacaru e as 'caravanas das**





**domésticas'**. In: II Seminário de Pesquisa em Extensão Popular, 2013, João Pessoa. Vivências Estudantis em Extensão Popular, 2013.

FRASER, Nancy. 2001. **“From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a ‘postsocialist’ age”**. In: S. Seidman; J. Alexander. (orgs.). 2001. The new social theory reader. Londres: Routledge, pp. 285-293. Outra versão do artigo foi publicada na New Left Review (212: 68-93, 1995). Tradutor Julio Assis Simões - Professor do Departamento de Antropologia / USP. Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 231-239, 2006.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Estudos Feministas, n. 2, p. 464-478, 1995.

RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing**. Revista de Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 446-457, 1995.

NASCIMENTO, Valdecir. **Depoimento** nov. de 2015. Entrevistadora: Mariana Tokarnia - Agência Brasil. Disponível em: <<http://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/8977/mulheres-negras-inspiram-historias-confira-depoimentos>>. Acesso em 13 de jul. de 2016.

GALVÃO, Patrícia. **Violência e Racismo**. Disponível em:<<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/>>. Acesso em 10 de jul.2016.

PEREIRA, Jaíne. **Trajetória de lutas das mulheres negras na sociedade brasileira: uma perspectiva crítica do movimento feminista no Brasil**. In: VII Encontro de grupos e pesquisas marxistas, João Pessoa, 2016.

PORTAL BRASIL. **Negras são maiores vítimas de homicídio de mulheres no País**. Publicado em nove de novembro de 2015. Disponível em:<<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2015/11/mulheres-negras-sao-mais-assassinadas-com-violencia-no-brasil>>. Acesso em 10 jul. 2016.

2

---

<sup>2</sup> Primeira versão publicada: PEREIRA, Jaíne. **Trajetória de lutas das mulheres negras na sociedade brasileira: uma perspectiva crítica do movimento feminista no Brasil**. In: VII Encontro de grupos e pesquisas marxistas, João Pessoa, 2016.